



ADRIANO E A MASCULINIDADE

ADRIANO AND MASCULINITY

Filipe N. Silva

Doutorando IFCH/Unicamp

Pedro Paulo A. Funari

IFCH/Unicamp

Resumo: Este artigo discute a validade e os limites da utilização de conceitos modernos de gênero e sexualidade na interpretação histórica das sociedades do Mediterrâneo Antigo a partir das considerações antigas e modernas acerca de Adriano: imperador romano entre 117 e 138 da Era Comum. Reconhecido pelo afetuoso envolvimento com o jovem Antínoo, Adriano figura na historiografia contemporânea sob a égide de homossexual. Se, por um lado, a utilização de categorias inexistentes na Antiguidade requer certa apreciação crítica por parte dos/das estudiosos/as, por outro lado, a observação da construção social dos papéis masculinos e femininos (em diversas sociedades) caracteriza uma demanda fundamental de nosso tempo.

Palavras-chave: Adriano – Gênero – Sexualidade - Masculinidade

Abstract: This paper discusses how modern concepts relating to gender and sexuality may be useful for understanding the ancient Mediterranean societies, focusing on a case study: Hadrian, Roman emperor in the early second c. AD. Thanks to his close relationship with Antinoos, several modern scholars interpret his behavior as homosexual. If modern analytical categories such as homosexuality require a critical approach, it is indeed important to pay attention to male and female social roles in different societies and periods, including our own.

Keywords: Adriano – Gender – Sexuality - Masculinity

Introdução

Uma das principais imagens modernas associadas ao imperador romano Adriano é aquela que deriva do seu envolvimento com um jovem bitíno chamado Antínoo. Amado pelo governante romano, Antínoo teria perecido por ocasião de um afogamento no rio Nilo,

durante uma visita do imperador ao Egito no ano de 130 da Era Comum. Vítima de um infortúnio fatal, ou condescendente de um sacrifício religioso operado em proveito da longevidade de Adriano, é de conhecimento geral (desde a Antiguidade) que a Antínoo foram realizadas inúmeras e prolongadas homenagens capitaneadas pelo imperador.

Se, em geral, as experiências homoeróticas da Antiguidade Greco-Romana ocuparam lugar de destaque em diversas produções literárias no limiar entre os séculos XIX e XX, e colaboraram na construção de um imaginário social sobre a pederastia, o “amor grego” e a homossexualidade (WALKER, 1995, p. 194-195; ALDRICH, 1993, p. 13), Adriano e Antínoo, em diversas ocasiões (como nas *Memórias de Adriano* de Marguerite Yourcenar¹, ou mesmo nas produções de Fernando Pessoa), inspiraram versos e prosas sobre o amor entre pessoas do mesmo sexo (WALKER, 1995, p. 195-197).

Tampouco a História permaneceu imune a esse fato: o envolvimento com Antínoo permanece central nas obras sobre a vida e o principado de Adriano, e a caracterização desses personagens sob o signo de homossexuais permanece usual na produção historiográfica, e pode ser observada, por exemplo, nas obras de John Boswell (1980, p. 84), para quem “Adriano parece ter sido exclusivamente gay” (p.84), Herbert Benario (1980, p. 99-100) e Anthony Birley (1997, p. 42). Segundo Birley (1997), aliás, Adriano daria mostras de sua feição homossexual desde a juventude, quando ainda se envolvia com os libertos de Trajano². Trinta anos mais tarde, por sua vez, “sua paixão (...) por um jovem belíssimo faria a sua homossexualidade conhecida universalmente” (BIRLEY, 1997, p. 42, tradução nossa).

A projeção das categorias de homossexualidade e/ou heterossexualidade para sociedades pré-modernas, contudo, tem encontrado ressalvas significativas e que tomam como argumento principal a inexistência dessas definições, por exemplo, na Antiguidade Greco-Romana. Em outras palavras, conforme já demonstrado nos estudos de Dupont & Éloi (2001, p. 09), Funari (2001, p. 55) e Pinto (2011, p. 58), a constituição de identidades fixas baseadas na atividade sexual é uma prática moderna, e que não encontra paralelos nas sociedades antigas do Mediterrâneo. Considerações similares também podem ser observadas no segundo volume da *História da Sexualidade* do filósofo francês Michel Foucault:

¹ Marguerite (Crayencour) Yourcenar (1903–1987) acabou por se tornar a primeira mulher a ser admitida na *Académie Française*. Tradutora, ensaísta, dramaturga e poetisa francófona, Yourcenar é reconhecida internacionalmente como uma intelectual dotada de respeitoso conhecimento sobre a Antiguidade (ALDRICH, 1993:188). Sua principal obra, *Les Mémoires d'Hadrien* (publicada no Brasil sob o título “Memórias de Adriano” (1974), pela editora Nova Fronteira), teve a sua versão original publicada no ano de 1951, embora tenha sido iniciada sob manuscritos redigidos entre os anos de 1924 e 1929.

² Birley (1997) segue aqui a referência oferecida na *História Augusta* sobre a *Vida de Adriano* mencionada em: S.H.A. *Hadr.* IV, 04-05. “*Corrupisse eum Traiani libertos, curasse delicatos eosdemque saepe inisse per ea tempora quibus in aula familiarior fuit, opinio multa firmavit*”.

De fato, a noção de homossexualidade é bem pouco adequada para recobrir uma experiência, formas de valorização e um sistema de recortes tão diferentes do nosso. Os gregos não opunham, como duas escolhas excludentes, como dois tipos de comportamento radicalmente diferentes, o amor ao seu próprio sexo ao amor pelo sexo oposto. As linhas de demarcação não seguiam uma tal fronteira (FOUCAULT, 1984, p. 237).

Se a História carrega consigo marcas da época em que é produzida, é previsível que as diversas interpretações sobre o passado, por vezes, sejam concebidas à luz das experiências sociais de nosso próprio tempo. Conforme podemos observar, o antigo Adriano, por vezes, tem sido pensado a partir de referenciais que o tornam inteligível aos leitores modernos, acostumados a pensar a sexualidade dos indivíduos de uma maneira específica, singular, própria do tempo histórico moderno. Enquanto lugar privilegiado, o sexo ocupa um papel de destaque na construção dos sujeitos da modernidade: a profunda descontinuidade que separa a Antiguidade dos dias atuais, com efeito, parece sucumbir à força dos discursos modernos sobre a sexualidade, “o lugar privilegiado em que nossa ‘verdade’ profunda é lida, é dita” (FOUCAULT, 2012, p. 344-345).

Tomando a experiência histórica de Adriano como elemento norteador deste artigo, pretende-se, por um lado, discorrer sobre a maneira como os antigos romanos concebiam (nos âmbitos moral e jurídico, sobretudo) a relação entre sexo e poder. Por outro lado, levando em conta a contribuição das recentes teorias de gênero, pretende-se observar sob quais referenciais discursivas eram construídas as noções de masculinidade e suas eventuais transgressões entre os romanos da época imperial.

Sexo e Poder entre os antigos: uma aproximação histórica

A partir da noção de identidades não fundadas na sexualidade, predominante na Antiguidade, cabe tratar da relação entre sexo e poder, em particular no caso dos varões. Um dos conceitos mais compartilhados referia-se ao autocontrole, o comedimento, a moderação. Esses termos buscam traduzir expressões como Σωφροσύνη (*sophrosýne*), ἐγκράτεια *enkrátēia*, *ta metria*, *sobrietas*, *continentia*, *moderatio*, *temperantia* (cf. Cicero, *passim*) (*tempus*) *decorum*, *castitas*, *frugalitas*, entre outros gregos e latinos. Pode avaliar-se o uso generalizado do conceito de autocontrole por sua presença em Paulo de Tarso, de modo que, ausente em hebraico, penetrara a cultura judaico-helenística. Todos esses conceitos relacionam-

se ao controle (σῶς, *sos*, a salvo) da pessoa sobre a mente (φρήν, *phren*), à capacidade de dominar-se (ἐγκράτεια), de conter-se (*continentia*), de atuar com a devida calma e no tempo que convém (*temperantia*), sem pressa, com calma e reflexão.

Nem todos compartilhavam essa postura, a começar dos que não faziam parte da *koiné* greco-romana, como os judeus, que deviam usar de circunlóquios para ressaltar o comedimento. O mesmo devia ocorrer com outros tantos povos. Mas mesmo entre os greco-romanos, essa ênfase não seria tão importante, ou seria mesmo oposta, a começar pela noção da supremacia de forças incontroláveis, de fundo religioso (*ta theia*). Mesmo assim, não há dúvida que o autocontrole servia como modelo para muitos e era, com certeza, contraditado por muitos também.

A moderação teria consequência para varões e mulheres. Essa oposição entre dois polos (homem/mulher) explica-se nem tanto pela diversidade física e biológica como pela posição social da mãe, reprodutora da espécie ou raça (*gens*), oposta àquela do varão/pai, sempre uma instituição social, mais que biológica. Como ressaltavam os latinos, a mãe é sempre conhecida, o pai suposto apenas (*mater certa, pater incertus*). A castidade, um dos sentidos do autocontrole, apresenta significados muito diversos para varões e mulheres. Para elas, a questão central está na garantia de reconhecimento, por parte do marido e do mundo masculino, da sua fidelidade (*fides*). Nada garante o reconhecimento da paternidade, senão a confiança depositada pelo marido. Moderação e autocontrole para ela relacionava-se à limitação de acesso ao seu corpo e, nesse sentido, o termo tinha conotações externas, mais do que aos sentimentos.

Para os varões, a moderação adquiria aspectos muito particulares. Seu principal desafio não era quanto ao externo, mas ao interno, ao íntimo. O autocontrole contrariava, em certo sentido, a própria masculinidade e seu ímpeto agressivo, impulsivo e descontrolado. Há um aspecto biológico, físico, até mesmo dos hormônios, pois a testosterona molda, em certos aspectos, a percepção masculina, de maneira decisiva. Sobre isto, basta lembrar o papel que a testosterona tem, em nossos dias, nas transposições sexuais ou de gênero. Portanto, a moderação e a castidade são valores em permanente conflito com uma noção desbragada de masculinidade, em certo sentido, majoritária. O autocontrole aparece como noção contestada e contraditória, um desafio.

Por isso, o tema não parece tão unívoco. Uma perspectiva generalizada considera que ao varão cabia o papel ativo, de modo que a mulher e o jovem deviam ser passivos. No entanto, abundam indícios, tanto na tradição literária, quanto iconográfica, epigráfica e material, de que isso não correspondia à única prática aceita e admitida. Ao contrário, mulheres ativas e homens passivos não eram raros, e nem por isso deixavam de ser considerados varões e mulheres. Júlio César podia ser a rainha da Bitínia, nem por isso menos homem. Mais do que isso, o autocontrole, ainda que valor compartilhado por muitos, tampouco era universal, de modo que a falta de contenção dos desejos podia mesmo ser uma benção divina, como atestava o poder de Afrodite/Vênus.

Nestas circunstâncias, a contenção ou sua deficiência era algo sempre em questão, em particular para a masculinidade. Ao varão, mais do que à mulher, convinha mostrar-se contido, ainda que abundem críticas ao comportamento generalizado de excesso (*hýbris*), tanto na literatura fictícia, como em relatos históricos. Portanto, a normativa, como sempre, não é indício de observância generalizada. Do mesmo modo podem encarar-se outras normas, como a que previa relação ativa dos varões e passiva de mulheres e crianças. Há muitos exemplos de relações passivas por parte de homens, tanto em relação a outros homens, como com mulheres. Homens aparecem em pinturas sendo cavalgados ou fazendo sexo oral com mulheres, personagens como Júlio César e Sócrates não deixam de ser homens por supostas relações passivas.

O caso dos travestidos ou efeminados entra em outra categoria, sendo mais criticados, mas, mesmo neste caso, há evidências literárias generosas para com estes também. Portanto, num mundo em que as pessoas não eram definidas pela sexualidade, esse era um dos aspectos de comportamento a apoiar ou a criticar, de acordo com as conveniências. Sob esta luz, entende-se que, a posteriori, como costuma ser o caso, haja uma condenação, *damnatio memoriae*. Neste artigo, opõem-se os documentos de época, como as moedas, e aqueles decantados pela *ira et studium*, dos escritos pósteros.

Adriano – Origens e Fontes Históricas

Imperador entre os anos de 117 e 138 da Era Comum, Públio Élio Adriano (também chamado Adriano Augusto nas cunhagens) teria nascido no dia 24 de Janeiro do ano 76. Não há consenso quanto ao local preciso de seu nascimento: tanto *Italica* – localizada na *Baetica* - quanto Roma figuram entre as possíveis origens do referido personagem: o estudo de Alicia Canto (2004), contudo, parece ter resolvido de maneira satisfatória essa contenda³, reivindicando (por meio de um amplo *corpus* documental) para território hispânico o seu local de nascimento.

Protagonista de significativa intervenção (política, social e bélica) em mais de cento e trinta cidades ao redor do Mediterrâneo sob domínio romano, Adriano teve a sua trajetória registrada nos mais variados suportes, e a documentação referente à sua vida e atuação, por conseguinte, possui como característica principal a heterogeneidade. Nesse ínterim, o cotejo entre a tradição textual e as informações oriundas da cultura material antiga é bastante usual. Essa postura é patente, por exemplo, nas obras *Hadrian and the city of Rome* (1987) e *Hadrian and the cities of the Roman Empire* (2000), de Mary T. Boatwright, cuja tessitura concilia as informações obtidas em textos gregos e latinos (limitados, segundo a autora) que versam sobre Adriano com considerações obtidas a partir de elementos arquitetônicos, epigrafia e numismática.

No que concerne às fontes textuais observamos duas posturas principais: a primeira delas, menos comum na historiografia contemporânea, é a leitura de obras produzidas à época do governo de Adriano, mas que aludem ao imperador de maneira implícita e indireta. É o caso, por exemplo, da coletânea biográfica sobre os *Doze Césares* de Suetônio, do paralelo entre Alexandre e Adriano desenvolvido por Arriano de Nicomédia e também as obras *Germania* e *Agricola* do historiador latino Cornélio Tácito (BIRLEY, 1997, p. 05; LEME, 2009, p. 04).

A segunda tendência consiste na utilização de obras com datação posterior ao principado de Adriano, como o *Epítome de Caesaribus* de Aurélio Vítor, a *Descrição da Grécia* de Pausânias (Cf. KELLY, 2006, p. 66-69) as *Noites Áticas* de Aulo Gélio, o livro 69 da *História Romana* de Dião Cássio e a *Vita Hadriani* narrada na História Augusta. Não sem maiores percalços relacionados à sua datação e autoria, deve-se

³ As distintas percepções sobre as origens de Adriano podem ser observadas em: SYME, 1964, p.142-149; CANTO, 2004, p. 367-408. Uma síntese desse debate pode ser lida em: SILVA, 2016.

destacar que as duas últimas obras ocupam um papel de destaque na historiografia contemporânea, já que têm sido empregadas de maneira privilegiada nos estudos sobre Adriano.

O Adriano narrado na História Augusta

Derivada de um códice da Biblioteca Vaticana (*Codex Palatinus Latinus* 899) datado do século IX, a compilação textual, desde o século XVI conhecida como História Augusta, legou-nos significativas trinta biografias romanas que versam sobre a vida e os feitos de imperadores, co-regentes, herdeiros e usurpadores do trono imperial romano dentro de um período histórico cuja abrangência temporal (mesmo consideradas as suas lacunas) se estende de 117 a 284 da Era Comum (BENARIO, 1980, p. 01; CORASSIN, 1983; CAMERON, 2011, p. 743).

Redigida em 27 capítulos pelo autor Élio Esparciano, a Vida de Adriano é a primeira dentre as trinta narrativas biográficas compiladas na *Scriptores Historiae Augustae*. Alguns detalhes pontuais sobre a vida e o principado de Adriano, no entanto, também são apresentados, sem dúvida de maneira secundária, nas biografias de Avídio e Probo. Cabe destacar, segundo Brandão (2013, p. 12-13), que as primeiras *Vidas* da História Augusta (e, dentre elas a *Vita Hadriani*) seriam precisamente aquelas providas de maior fidedignidade histórica. A utilização da *Vida de Adriano* como fonte histórica implica reconhecer a convergência entre o gênero textual escolhido (a biografia) e o viés senatorial que marca a História Augusta.

É da História Augusta que deriva um excerto bastante utilizado nas produções e leituras sobre a "homossexualidade" de Adriano: trata-se de uma referência que atribui exclusivamente ideais de *feminilidade* ao imperador, e tampouco o caracteriza como homossexual:

Antinoum suum, dum per Nilum navigat, perdidit, quem muliebriter fleuit. de quo uaria fama est, aliis eum deuotum pro Hadriano adserentibus, aliis quod et forma eius ostentat et nimia uoluptas Hadriani. et Graeci quidem uolente Hadriano eum consecrauerunt, oracula per eum dari adserentes, quae Hadrianus ipse composuisse iactatur.

Enquanto navegava pelo Nilo, perdeu seu Antínoo, e chorou como uma mulher. Há diferentes versões: uns asseveram que ele tenha se sacrificado por Adriano, outros o que a sua aparência e a excessiva volúpia de Adriano mostra. Os gregos, de fato, o consagraram com a anuência de Adriano, dizendo que oráculos foram proferidos por ele, os quais, diz-se, teriam sido compostos pelo próprio Adriano.

(S.H.A. *Hadr.* XIV, 05-07).

Esta passagem tem sido interpretada de maneiras distintas entre os estudiosos. Ao passo que para Benario (1980, p. 99-100) teria havido uma “relação homossexual entre Adriano e Antínoo”, na opinião de Williams (1999, p. 60-61) e Thuillier (2013, p. 119-129), ao contrário, o referido episódio deve ser interpretado como mais uma manifestação crítica, por parte do autor⁴ da História Augusta, aos supostos excessos de Adriano. A falta de controle emocional por ocasião da perda do seu amado - neste caso manifestado pelo choro exacerbado -, junto com as inúmeras homenagens destinadas à memória do jovem bitíneo, com efeito, caracterizariam um comportamento que destoava do ideal de autocontrole previsto nos protocolos sociais romanos de virilidade. Segundo Thuillier (2013):

A expressão acentuada, forte, dos sentimentos, é vista como desvirilizante. Um exemplo emblemático é aquele da relação entre Adriano e Antínoo: esta ligação não desencadeia em si uma condenação da opinião pública, que finalmente a considera normal, já que ela se dá entre um homem e um *puer*, Antínoo tendo então uns 20 anos e, por outro lado, sendo originário do Oriente, como muitos destes belos garotos ‘importados’ por Roma. O que se reprova, no entanto, é ele ter chorado seu amado morto como uma mulher sentimental o faz (*muliebriter*) e não como um homem viril que deve esconder e superar seu sofrimento (THUILLIER, 2013, p. 119-120).

O que pode soar de maneira estranha aos ouvidos modernos é o fato de que uma relação homoerótica desse cunho não serviria como motivo de rechaço social para um cidadão comum, de um modo geral, e muito menos ao imperador, em particular, ao menos diante de dois agravantes: se Antínoo tivesse nascido livre, fosse filho de um cidadão romano e, portanto, impenetrável do ponto de vista moral e legislativo, ou se Adriano fosse penetrado, se submetendo assim à vontade sexual de outrem, rompendo com os protocolos de masculinidade sobre como um *vir* romano deveria proceder (WILLIAMS, 1999, p. 18; PINTO, 2012a, p. 114-118).

Noutros excertos, a História Augusta ainda reprova o envolvimento de Adriano com os libertos e os *pueri delicati* de Trajano⁵. Também nota o descomedimento deste mesmo imperador no que concerne à prática do adultério (com homens e

⁴ Pormenores relacionados aos extensos debates sobre a datação e autoria da História Augusta podem ser lidos em: MOMIGLIANO, 1954, p. 22-46; SYME, 1983; MACHADO, 1998.

⁵ S.H.A. *Hadr.* IV, 04-05. *Corrupisse eum Traiani libertos, curasse delicatos eosdemque saepe inisse per ea tempora quibus in aula familiarior fuit, opinio multa firmavit.*

mulheres) e seu constante envolvimento com mulheres casadas⁶. Trata-se, em última instância, de anedotas que, incorporadas em meio à trama biográfica da *Vita Hadriani*, ajudam a compor um caráter para o personagem retratado em uma narrativa composta, ao que tudo indica, no século IV da Era Comum. Esse caráter incluía uma entrega de Adriano à busca do prazer, o que podia ser uma debilidade de comportamento.

O atentado à integridade sexual (*pudicitia*⁷) das mulheres casadas, com efeito, reitera a ilegalidade (jurídica e moral) do adultério, ao menos desde a época de Augusto, e sua suposta conduta descomedida teria levado o biógrafo da História Augusta a qualificar como impróprio e vicioso (*vitiosissimus*, viciosíssimo) o envolvimento sexual e afetivo de Adriano, tanto com homens já adultos, quanto com mulheres (supostamente livres e casadas). Nocivo à sua imagem pessoal, portanto, não é o fato de o imperador envolver-se com indivíduos de um ou de outro sexo, mas sim em ter corrompido elementos sociais protegidos pela lei e pela moral vigentes.

Uma digressão a partir do *Digesto* de Justiniano permite-nos vislumbrar um arranjo legislativo a propósito da impertinência e ilegalidade da perseguição seguida de penetração sexual dos indivíduos nascidos livres. Embora esta deliberação esteja, talvez, relacionada a um contexto histórico contemporâneo ou posterior ao século III (WILLIAMS, 1999, p. 131), pode entrever-se o peso da intervenção jurídica prevista àqueles que cometessem ou fossem cúmplices do *Stuprum*.

Quem induzir ao *stuprum* um garoto já de toga pretexta, tendo subornado o seu acompanhante, interpelar ou fazer algo a alguma mulher ou menina com o intuito de corromper a sua castidade, presenteando-as e fazendo ofertas para convencê-las: sofre a pena capital se o crime tiver sido feito por completo, é deportado para uma ilha caso não seja consumado; os acompanhantes que

⁶ S.H.A. *Hadr.* XI, 07. *Et hoc quidem vitiosissimum putant atque huic adiungunt quae de adulterum amore ac nuptarum adulteriis, quibus Hadrianus laborasse dicitur, adserunt, iungentes quod ne amicis quidem servaverit fidem.*

⁷ Segundo Rebecca Langlands (2006): “[a *pudicitia*] é uma virtude moral pertencente à regulação de um comportamento (próprio ou de outra pessoa) especificamente associado ao sexo. (...)por vezes descrita como controle interno sobre si, à maneira do conceito grego (e depois cristão) de *sophrosyne*, um conceito relacionado ao moderno de “vergonha”, e aos antigos *pudor*, *verecundia* e *modestia* que servem para policiar socialmente o comportamento sexual do indivíduo perante à comunidade (...) (LANGLANDS, 2006, p. 31).

foram corrompidos serão punidos com o suplício máximo (PAULUS. (5 *Sent.*) *Dig.* 47.11.1.2⁸).

Recolocada na sua condição de fonte histórica tardia sobre a vida e o principado de Adriano, a *Vita Hadriani* é, em última instância, um retrato de Adriano construído de dentro da aristocracia senatorial romana do século IV. E é nesse sentido, como veremos, que uma breve comparação com a documentação numismática, por exemplo, ganha sentido e relevância, uma vez que, esta última, na qualidade de imagem oficial sobre o imperador, pode não consentir com o relato senatorial sobre este mesmo personagem. O cotejo documental acerca de Adriano, presumimos, pode colocar em evidência a estética persuasiva (FUNARI, 2003, p. 20-21) de ambas as fontes históricas.

Adriano e suas imagens monetárias: a questão do comedimento sexual.

De particular interesse é o fato de Adriano ter incluído em algumas de suas emissões monetárias a alusão à sua própria prudência sexual, sua própria *pudicitia* (Cf. RIC. Vol. II, N° 135. Vide: Imagem 01). De acordo com Carlos Noreña (2007, p. 304), essa referência se relacionaria a um conjunto maior de virtudes imperiais apresentadas no reverso de suas moedas. Juntas, estas virtudes teriam por finalidade a criação do retrato de um bom imperador. A constante associação entre o retrato do imperador e uma divindade (ou a personificação de uma qualidade enquanto tal), com efeito, ajuda a enaltecer a figura de Adriano quanto ao seu comedimento sexual: visão contrária, portanto, àquela oferecida pela tradição textual senatorial.

Conforme se pode observar no *Oxford Latin Dictionary* (1968), o conceito latino de *pudicitia* estaria relacionado à "pureza sexual, castidade e virtude". Da mesma forma, na qualidade de divindade, o referido dicionário faz alusão à *pudicitia* enfatizando o seu culto na antiga sociedade romana. Destacam-se, da mesma forma, sua dificuldade de transposição para os idiomas modernos e também a abrangência semântica alcançada pelo referido conceito nas diversas ocasiões em que foi colocado em uso na Antiguidade. Na verdade, *pudens*, na origem do conceito

⁸ Tradução nossa. No original: *Qui puero praetextato stuprum aliudve flagitium abducto ab eo vel corrupto comitê persuaserit, mulierem puellamve interpellaverit, quidve pudicitiae corrupendae gratia fecerit, donum praebuerit pretiumve quo id persuadeat dederit, perfecto flagitio capite punitur, imperfecto in insulam deportatur: corrupti comitês summo supplicio adficiuntur.*

abstrato *pudicitia*, denotava um sentimento íntimo de vergonha: *sunt homines quos infamiae suae neque pudeat neque taedeat* (Cic. Verr. 1. 12, 15), "há homens que não se envergonham de sua infâmia nem se ofendem". Portanto, *pudicitia*, mais que a simples pudicícia, envolve certa percepção de que o seu comportamento não causa estranheza e reprovação dos outros.



Imagem 01: Anverso e Reverso de Denário cunhado sob Adriano. 119-125 d.C. Fonte: MATTINGLY; SYDENHAM, 1926, Nº 135, p. 335.

Fundamental para a interpretação que propomos é a assimilação do conceito de *pudicitia* no âmbito dos discursos políticos: para Langlands (2006, p. 284), a acusação de que um homem público era desprovido de *pudicitia* poderia colocar em xeque (também na esfera pública) a sua reputação moral, e conduzi-lo a derrotas irreversíveis em qualquer disputa política. Fica claro que *pudicitia* é um conceito relacional, relativo à percepção social de um ato. Assim, com o intuito de assegurar uma imagem social compatível com aquela esperada por um cidadão (no caso, o primeiro dentre os cidadãos), torna-se compreensível o apelo à *pudicitia*, mesmo no meio circulante do Império. No caso de Adriano, portanto, a disseminação de uma imagem contrária àquela do descomedimento sexual, teria sido fundamental (Cf. NOREÑA, 2007). A nova moral sexual do século II também pode ter corroborado para a adesão da cunhagem com a *pudicitia*.

Ainda que a alusão à *pudicitia* fizesse parte das cunhagens das imperatrizes Plotina em um período anterior e, depois, de Sabina⁹, segundo Wallace-Hadrill (1982,

⁹ S.H.A. *Hadr.* XI, 03.

p. 313), a sua utilização por um imperador como uma dentre as muitas virtudes que compunham o seu caráter, teria sido uma inovação de Adriano¹⁰.

Considerações Finais

A observação crítica sobre a construção histórica e social das masculinidades ou feminilidades mostra-se mais proveitosa à observação histórica se comparada à transposição de identidades sexuais modernas e inflexíveis em qualquer época histórica. A reflexão a propósito dessas construções (que se fazem presentes na cultura, no aparato jurídico e também nos discursos do cotidiano), é importante destacar, deriva em grande parte das discussões sobre as teorias de gênero. Na História Antiga, de um modo geral, os estudos de gênero passaram a ganhar destaque no cenário internacional na década de 1990, ao passo que no Brasil, os principais resultados obtidos com esse tipo de abordagem vieram à tona já no limiar entre os séculos XX e XXI.

A tarefa social e epistemológica assumida por muitos que se voltaram a essa empreitada foi repensar e reescrever sobre o mundo antigo a partir de uma perspectiva até então pouco usual. Se, por um lado, os estudos de gênero, por certo, contribuíram para valorizar sobremaneira as experiências históricas femininas dentro das sociedades em questão, por outro lado, também tem se mostrado bastante pertinente para a investigação sobre a constituição das masculinidades entre os povos da Antiguidade. Concebida como uma categoria relacional (BOURDIEU, 1998, p. 34; GILCHRIST, 1999, p. 09), a masculinidade está em direta relação (por analogia e/ou oposição) com as formas sociais assimétricas, hierárquicas e desiguais, já que, muitas vezes, é colocada como fiadora da condição social, jurídica e sexual, tanto da mulher, quanto dos homens. Daí a sua relevância para o estudo, tanto dos antigos, quanto do mundo contemporâneo.¹¹

¹⁰ Sobre o uso da *Pudicitia* em moedas imperiais, vide: MATTINGLY; SYDENHAM, 1926, em particular, os números 733 e 466.

¹¹ **Agradecimentos:** Gostaríamos de agradecer Fábio Vergara Cerqueira e Daniele Gallindo Silva pelo convite. Agradecemos também a Antonio Aguilera, Anthony Birley, Cláudio Umpierre Carlan, Maria Luiza Corassin, Renata Senna Garraffoni, Jordi Pérez, Renato Pinto, Margareth Rago e José Remesal. Mencionamos o apoio institucional do Departamento de História da Unicamp, da Universidade de Barcelona, do CNPq e da FAPESP. A responsabilidade pelas ideias restringe-se aos autores.

Referências bibliográficas

- ALDRICH, Robert. **The Seduction of the Mediterranean**. Writing, Art and Homosexual Fantasy. London: Routledge, 1993.
- BIRLEY, Anthony Robert. **Hadrian: The Restless Emperor**. London/New York: Routledge, 1997.
- BENARIO, Herbert. **A commentary on the Vita Hadriani in the Historia Augusta**. Ann Arbor: The American Philological Association, 1980.
- BOATWRIGHT, Mary Taliaferro. **Hadrian and the City of Rome**. Princeton: University Press, 1987.
- BOATWRIGHT, Mary Taliaferro. **Hadrian and the cities of the Roman Empire**. Princeton: University Press, 2000.
- BOATWRIGHT, Mary Taliaferro. Adriano. In: BARRETT, Anthony. **Vida de los césares**. Barcelona: Editora Crítica, 2008. p.253-291.
- BOSWELL, John. **Christianity, social tolerance and Homosexuality**. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.
- BOSWELL, John. **Cristianismo, tolerancia social y homosexualidad**. Barcelona: Muchnik Editores, 1992.
- BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1999.
- CAMERON, Alan. **The last pagans of Rome**. Oxford: University Press, 2011.
- CANTO, Alicia Maria. "La dinastía Ulpio-Aelia (98-192 d.C): ni tan "Buenos", ni tan "adoptivos", ni tan "Antoninos". **Gerión**, 21. núm.01. p.305-347, 2003.
- CANTO, Alicia Maria. "Itálica, Sedes Natalis de Adriano. 31 textos históricos para una secular polémica". **Athenaeum**. Univ. di Pavia. Vol.XCII. Fascicollo II, 2004. p.367-408, 2004.
- CORASSIN, Maria Luiza. **Um estudo sobre a História Augusta**. A vita Alexandri Severi. Tese de doutoramento apresentada à FFLCH/USP. São Paulo, 1984.
- CORASSIN, Maria Luiza. A Idealização do Príncipe na Ideologia Aristocrática de Roma. **Boletim do CPA/Unicamp**. N°04. Campinas, 1997. p.197-211.
- DUPONT, Florence; ÉLOI, Thierry. **L'erotisme masculin dans la Rome antique**. Paris: Belin, 2001.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade. Volume II. O Uso dos Prazeres**. São Paulo: Edições Graal/Paz e Terra, 1984.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade. Volume I. A vontade de saber**. São Paulo: Edições Graal/ Paz e Terra, 1988.
- FOUCAULT, Michel. Não ao sexo-rei. In: **Microfísica do Poder**. São Paulo: Edições Graal, 2012.
- FUNARI, P. P. A. **Grécia e Roma**. São Paulo: Contexto, 2001.
- FUNARI, P. P. A. **Antiguidade Clássica. A história e a cultura a partir dos documentos**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

GILCHRIST, Roberta. **Gender and Archaeology. Contesting the past**. Londres: Routledge, 1996.

LANGLANDS, Rebecca. **Sexual Morality in Ancient Rome**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

MACHADO, Carlos Augusto Ribeiro. **Imperadores Imaginários**. Política e Biografia na História Augusta. Dissertação de Mestrado apresentada à FFLCH/USP. São Paulo, 1998.

MATTINGLY, H; SYDENHAM, M.A. **The Roman Imperial Coinage**. Volume II. Vespasian to Hadrian. London: Spink & Son, 1926. N° 135.

MOMIGLIANO, Arnaldo. An unsolved problem of Historical Forgery: The Scriptorum Historiae Augustae. **Journal of the Warburg and Courtauld Institutes**. Vol.17, No. 01/02, 1954. p. 22-46

NOREÑA, Carlos. Hadrian's Chastity. **Phoenix**. Vol.61, n°3/4 (Fall – Winter), 2007. p. 296-317.

OPPER, Thorsten. **The Emperor Hadrian**. London: The British Museum Press, 2008.

OPPER, Thorsten. **Hadrian: Art, Politics and Economy**. Londres: The British Museum Press, 2013.

PINTO, Renato. **Duas rainhas, um príncipe e um eunuco: gênero, sexualidade e as ideologias do masculino e do feminino nos estudos sobre a Bretanha Romana**. Tese de Doutorado apresentada ao IFCH/Unicamp. Universidade Estadual de Campinas, 2011a.

PINTO, Renato. Representações homoeróticas masculinas na cultura material romana e as exposições dos museus: o caso da Warren Cup. **Métis. História & Cultura**. Vol.11, N°20. p.111-132, jul./dez. 2011b.

PINTO, Renato. O 'crime' da homossexualidade no exército e as representações da masculinidade no Mundo Romano. In: CARLAN, C. U.; FUNARI, P. P. A.; CARVALHO, M. M.; SILVA, E.C.M. (Orgs.). **História Militar do Mundo Antigo: Guerras e Cultura**. Volume III. São Paulo: Editora Annablume, 2012a. p.109-132.

SILVA, F. N. **Gênero e poder no Império Romano: considerações sobre o imperador Adriano**. Dissertação de Mestrado apresentada ao IFCH/Unicamp. Campinas, 2016.

SYME, Ronald. Hadrian and Italica. **The Journal of Roman Studies**. Vol.54, Parts 01 and 02, p.142-149, 1964a.

SYME, Ronald. Hadrian the Intellectual. In: **Actes du Colloque International sur Les Empereurs Romains D'Espagne**. Organisé à Madrid du 31 mars au 6 avril, p.243-253, 1964b.

SYME, Ronald. Not Marius Maximus. **Hermes**, 96, Vol.03., p. 494-502, 1968.

SYME, Ronald. **Historia Augusta Papers**. Oxford: Clarendon Press, 1983.

THUILLIER, Jean-Paul. Virilidades romanas: vir, virilitas, virtus. In: COURBIN, A; COURTINE, J; VIGARELLO, G. (Orgs). **História da Virilidade**. Petrópolis: Editora Vozes, 2013, p. 71-124.

WATERS, Sarah. The most famous fairy in History: Antinous and Homosexual Fantasy. **Journal of the History of Sexuality**. Vol.06, N°02. Oct., p.194-230, 1995.

WILLIAMS, Craig Arthur. **Roman Homosexuality. Ideologies of Masculinity in Classical Antiquity**. Oxford: University Press, 1999.

Recebido em: 01/06/2017

Aprovado em: 07/07/2016